



Embates presentes nas cartas trocadas entre Jerônimo (347-420 d. C.) e Agostinho (354-430 d. C.): a expressão de projetos em defesa da educação cristã

Clashes present in the letters exchanged between Jerome (347-420 ad) and Augustine (354-430 ad): the expression of projects in defense of christian education

Juliana Calabresi Voss Duarte *

Terezinha Oliveira **

Resumo

Esse artigo tem por objetivo analisar um conjunto de onze [11] cartas trocadas entre Jerônimo de Estridão (347 -420 d. C.) e Agostinho de Hipona (354-430 d. C.) e reconhecer que mesmo em meio a divergências de pensamento, os dois teólogos defenderam a fé cristã e os ensinamentos de Jesus Cristo como modelo a ser seguido pelo homem. Por meio dessas epístolas é possível perceber a autoridade eclesial mantida por Jerônimo e Agostinho em defesa das concepções e projetos cristãos. É verdade que ambos não apresentaram o mesmo “rigor” acerca de determinados temas. Apesar das divergências constatadas e das relações conturbadas, eles se tratavam nas cartas como pessoas reunidas por Deus. As cartas que Jerônimo e Agostinho trocaram demonstram a firmeza e o posicionamento em defesa da fé cristã. As cartas selecionadas evidenciam um embate entre dois dos principais autores da patrística. Para realizarmos nossas reflexões acerca desse embate recorreremos, teoricamente, à história social e ao conceito de longa duração, uma vez que as cartas nos permitem compreender um momento histórico no qual estava em curso um projeto de formação humana pautado na doutrina cristã que se efetivou e manteve-se por pelo menos dez séculos.

Palavras-chave: Cartas. Intelectuais. Tradução. Educação Cristã.

Abstract

This or article aims to analyze a set of eleven [11] letters exchanged between Jerome of Estridon (347 -420 AD) and Augustine of Hippo (354-430 AD) and recognize that even in the midst of divergences of thought, the two theologians defended the Christian faith and the teachings of Jesus Christ as a model for man to follow. Through these epistles it is possible to perceive the ecclesiastical authority maintained by Jerome and Augustine in defense of Christian conceptions and projects. It is true that both did not present the same ‘rigor’ regarding certain topics. Despite the differences found and the troubled relationships, they treated each other in the letters as people brought together by God. The letters that Jerome and Augustine exchanged demonstrate their firmness and position in defense of the Christian faith. The selected letters highlight a clash between two of the main authors of patristics. To carry out our reflections on this clash, we resort, theoretically, to social history and the concept of long duration, since the letters allow us to understand a historical moment in which a project of human formation based on Christian doctrine was underway, which took place and it remained for at least ten centuries.

Keywords: Letters. Intellectuals. Translation. Christian Education.

Artigo submetido em 08 de dezembro de 2021 e aprovado em 27 de dezembro de 2023.

* Doutora em Educação pela UEM. Professora pertencente ao Quadro Próprio do Magistério da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. País de origem: Brasil. E-mail: ju.llia@hotmail.com.

** Doutora em História pela UNESP. Pós-doutorado em História e Filosofia da Educação pela FEUSP. Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá. País de origem: Brasil. E-mail: teleoliv@gmail.com.

Introdução

O objetivo deste artigo consiste em analisar um conjunto de cartas trocadas entre Jerônimo de Estridão (347-420 d. C.) e Agostinho de Hipona (354-430 d. C.) e reconhecer que mesmo em meio a divergências de pensamento, os dois teólogos defenderam a fé cristã e a ideia de Jesus Cristo como modelo de homem a ser seguido, pois ainda que *'imago de Deus'*, Cristo se configurou como ser humano.

Escritas entre os anos de 394/5 a 405, as cartas podem ser consideradas como o primeiro período de correspondência entre esses dois autores da Patrística. Por volta do ano 412 tem início um segundo período de troca de cartas entre Jerônimo e Agostinho que se estende até o ano de 419, aproximadamente. Para este estudo vamos nos dedicar apenas ao exame das cartas pertencentes ao primeiro período e o diálogo que se deu entre eles.

Traremos, assim, para nossas reflexões dois autores que influenciaram e contribuíram para a construção do ideário cristão nos séculos IV e V. Apesar de muitos séculos nos separarem de intelectuais que elaboraram o projeto de desenvolvimento e implantação da doutrina cristã no Ocidente, reconhecemos a importância de compreender como se configurou e se consolidou a herança cristã ocidental na qual estamos inseridos. A fim de compreender como os homens de uma época distinta da nossa se organizavam e se posicionavam, recorreremos à História Social para verificar como responderam aos desafios que lhes foram colocados, buscando compreender a sociedade em que viviam. Procuramos analisar a atividade humana sob diversos aspectos, a saber, no âmbito social, político, religioso, ético e educacional. Sobre a necessidade de compreender o conjunto dos fatos, o historiador Políbio nos ensina que “[...] dos escritores de histórias parciais não é possível obter uma visão de conjunto, senão qualquer pessoa suporia compreender imediatamente a configuração de todo o mundo habitado [...]” (POLÍBIO, 2016, p. 50). É a partir desta perspectiva que refletimos sobre o embate apresentado no diálogo entre esses dois autores.

Jerônimo de Estridão (347-420) e Agostinho de Hipona (354-430) foram considerados dois dos mais expressivos autores cristãos dos séculos IV e V.

Jerônimo se dedicou à leitura, ao estudo e à tradução das Sagradas Escrituras; Agostinho por seu turno, atuou inicialmente como retórico e professor. Após se tornar bispo, prosseguiu apenas o exercício do magistério.

Jerônimo e Agostinho apresentaram propostas e encaminhamentos para os problemas sociais da época, tendo no personagem de Cristo o modelo de humanidade sublime. Ambos trataram, entre outros temas, de questões sociais que tinham por objetivo combater as inúmeras heresias¹ que ameaçavam a fé e a unidade da Igreja. Trataram, também, de comportamentos que se esperava de um cristão.

Escrever cartas já era uma prática anterior à época de Agostinho e Jerônimo. As regras do gênero epistolar persistiam desde a Grécia Antiga até a Antiguidade Tardia. Guarnieri (2016) observa que os dois teólogos provavelmente aprenderam esta prática lendo manuais de epistolografia, passando a escrever cartas em sua vida pública. O fato de os dois autores serem cristãos e estarem inseridos em um período de institucionalização política da Igreja marca também alguns elementos de estilos desses escritos, nos quais utilizavam termos e expressões ora para exortação, ora para repreensão.

A carta era o meio de comunicação mais relevante na Antiguidade, o recurso disponível para comunicar-se com pessoas distantes. É a partir da necessidade de comunicação que este recurso – as cartas – aproxima os interlocutores situados em espaços geográficos distintos e distantes. Agostinho, ao escrever para Jerônimo, encontrava-se em Hipona, situada na Argélia (atualmente Annaba) e Jerônimo encontrava-se em Belém, na Cisjordânia. De acordo com Guarnieri (2016), o gênero epistolar é diferente de outros gêneros discursivos, pois caracteriza-se por um diálogo escrito. As cartas, em geral, possuem uma estrutura tradicional, podendo apresentar uma saudação inicial, depois o assunto em si – que é a maior parte do texto – e finalizando com a conclusão. Nas correspondências trocadas entre Agostinho e Jerônimo partes dessa estrutura foram omitidas. Essas correspondências, no geral, se apresentam

¹ Muitas obras de Agostinho tiveram como objetivo combater as heresias que surgiram nesse período por meio de doutrinas como o pelagianismo, o arianismo, o maniqueísmo, o donatismo. Algumas obras que combateram estas heresias podem ser encontradas em: *Contra a epístola dos Maniqueístas*; *Contra Faustus*; *Sobre a correção dos Donatistas*; sobre os procedimentos de Pelagius, entre outras.

mais longas — contendo vários parágrafos — e outras mais curtas, com poucos parágrafos ou até mesmo com parágrafo único. Motivações internas e externas definem o tamanho de uma carta, contudo, ela deve ser determinada pela brevidade, clareza e elegância. A abordagem das Sagradas Escrituras e da teologia foram assuntos trazidos por autores cristãos, temas também tratados por Jerônimo e Agostinho em suas cartas.

A princípio, as cartas possuem a função de construir e de manter relações entre amigos. Elas se tornaram um importante instrumento para os primeiros cristãos pregarem e difundirem sua fé e articularem-se no mundo. Na Antiguidade, o gênero epistolar passou a ser visto como um gênero essencialmente amigável. Na Antiguidade Tardia, sociedade em que o cristianismo já era religião oficial do Império e os bispos, homens de grande poder político, encontra-se a rearticulação ou mesmo violação dos limites do gênero epistolar. A carta dá voz às dinâmicas das relações sociais, podendo conter o ódio, o escárnio, a inveja e a malícia, que incorrem em brigas, rixas e querelas (GUARNIERI, 2016).

Ao analisarmos a correspondência entre Jerônimo e Agostinho compreendemos o objetivo abordado por ambos, ou seja, os temas evidenciados nas cartas. Além dos temas tratados, outro aspecto que fica evidente é a forma como um se reporta ao outro nas cartas, ou seja, o tratamento que um dirige ao outro, ora expressando palavras afetuosas ora expressando rispidez.

As *Epístolas* enviadas por Agostinho à Jerônimo são: *Ep.* 28 (394/5-Hipona); *Ep.* 40 (397- Hipona); *Ep.* 67 (402- Hipona); *Ep.* 71 (403- Hipona); *Ep.* 73 (404 - Hipona); *Ep.* 82 (404/405 - Hipona).

As de Jerônimo a Agostinho são: *Ep.* 39 (397 – Belém); *Ep.* 68 (402– Belém); *Ep.* 72 (403/404 - Belém); *Ep.* 75 (404 – Belém); *Ep.* 81 (404/405 - Belém)².

Agostinho solicita a Jerônimo um posicionamento acerca da tradução de

² Tanto as *Epístolas* de Agostinho para Jerônimo quanto as de Jerônimo para Agostinho foram pesquisadas e retiradas do site: San Agustín/ Augustinus Hipponensis. Encontramos as cartas trocadas entre ambos e a outros destinatários, constando uma tabela cronológica das cartas. Disponível em: <http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>.

algumas passagens da Sagrada Escritura, pois nelas existiriam, do seu ponto de vista, indícios de equívocos, fato que deixa o Estridonense descontente. Enquanto Agostinho se mostra inflexível frente a determinados pontos tratados por Jerônimo, este por sua vez se apresenta mais flexível ao leitor de seus textos, sem, contudo, perder a essência do conteúdo a ser abordado nas traduções.

Antes de examinarmos a correspondência, apresentaremos a trajetória de vida dos dois teólogos para identificarmos os caminhos percorridos por eles.

1 Jerônimo e Agostinho: algumas reflexões

A religião cristã defendida por Jerônimo e Agostinho tomou contato com a filosofia no século II depois de Cristo. De acordo com Gilson (1995), “Reduzida ao essencial, a religião cristã se baseava, desde o seu início, no ensinamento dos Evangelhos, isto é, na fé da pessoa e doutrina de Jesus Cristo. Os Evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos anunciam ao mundo uma boa nova.” (GILSON, 1995, p. 7). O cristianismo se dirige ao homem como uma doutrina de salvação, fala de seu destino e de suas misérias, mostrando-lhe qual a sua causa, oferecendo-lhe remédio para ela (GUIZOT, 1999).

A Igreja tinha, pois, o papel de formar o cristão segundo o modelo de Cristo, indicando os percursos éticos e práticas religiosas capazes de levá-los a este objetivo. Para que isto ocorresse, a mediação da filosofia e da cultura grega tornou-se indispensável. Assim, a partir do início da era cristã, essa instituição passou a organizar suas próprias práticas educativas sobre a comunidade, substituindo, gradativamente, o poder civil, passando a fazer “[...] o papel de reguladora formativa e administrativa.” (CAMBI, 1999, p. 126).

As cartas de Jerônimo e Agostinho também tiveram esta função de influenciar na espiritualidade cristã de pessoas próximas a eles. Diferentes temas podem ser abordados nas cartas emitidas, desde afazeres pessoais até questões políticas e administrativas, que eram assuntos presentes no período vivido por Jerônimo e Agostinho, época em que a Igreja se firmava como instituição política no seio do império (GUARNIERI, 2016).

Na tradução e introdução ao texto *O estado da sociedade religiosa no século V*, uma lição extraída da obra *Histoire de la civilization in Europe*, de Francois Guizot (1822), Oliveira (1999) menciona as transformações sofridas pela Igreja como instituição entre os séculos I e V, suas relações com o Estado e com a sociedade civil. Guizot (1787-1874) ressalta que nessa época a igreja foi a instituição que mais contribuiu para o desenvolvimento da sociedade moderna por promover uma unidade entre os homens. Com esta lição, Guizot tem a intenção de apresentar a historicidade dessa instituição:

[...] a participação dessa instituição no desenvolvimento da civilização moderna teve início ainda no mundo romano. Naquele momento, seu papel começou a se revelar: começou a se destacar pela sua importância social. Assim, enquanto a sociedade romana se desintegrava, a religião católica assumia, gradualmente, o papel de dirigente dos homens. (GUIZOT, 1999, p. 4).

O historiador francês do século XIX observa que a Igreja cristã se constituiu peça chave para a conservação da cultura romana e, ao mesmo tempo, para promover a inserção dos povos que adentraram o território do Império.

Acerca da condição dessa Instituição no limiar da antiguidade e início do medievo, Durkheim (1858-1917) observa que a força cultural da Igreja se estendeu até a sociedade francesa sem mudar a sua natureza. Neste sentido, “[...] A igreja serviu de mediadora entre povos heterogêneos, foi ela o canal por onde a vida intelectual de Roma passou, pouco e pouco, para as sociedades novas que estavam em vias de formação.” (DURKHEIM, 1982, p. 175). Os aspectos que marcavam a Igreja e a sua moral era a adesão a uma vida mais simples com o desprezo dos prazeres do mundo: “[...] a moral que defendia era o desprezo pelos prazeres deste mundo, pelo luxo material e moral.” (DURKHEIM, 1982, p. 176). O ensino foi, pois, o meio pelo qual ocorreu propagação do ideário desta instituição, considerando que as escolas nasceram da Igreja.

A escola cristã, desde que apareceu, tem a pretensão de dar à criança a totalidade da instrução que convém para a sua idade, envolve-a por completo. [...] E como nesta escola reina uma única e mesma influência, a influência da ideia cristã, a criança encontra-se submetida a esta única influência em todos os momentos da sua vida. (DURKHEIM, 1982, p. 183).

A função exercida pelas escolas cristãs tinha por objetivo ensinar a comunidade externa e interna, preparando aqueles que a frequentavam à

apropriação da cultura proposta pela Igreja.

A religião tornou-se o pensamento dominante nesta época histórica, possibilitando aos homens organizarem-se e desenvolverem-se socialmente. A “Igreja católica conseguiu manter-se como instituição social mais organizada. Ela consolidou sua estrutura religiosa e difundiu o cristianismo entre os povos bárbaros, preservando muitos elementos da cultura pagã greco-romana.” (SANTOS; OLIVEIRA, 2015, p. 6). É, pois, neste contexto que Jerônimo e Agostinho estão inseridos.

Sofrônio Eusébio Jerônimo (347-420 d. C.) nasceu em uma abastada família cristã e muito jovem foi para Roma para estudar gramática, retórica e filosofia. Teve familiaridade com os clássicos latinos. Ao término de seus estudos em Roma recebeu o batismo. Decidiu, então, ter uma vida ascética, possivelmente a partir das influências dos monges de Tréveros. Em peregrinação a Jerusalém, porém, impedido por uma grave doença, Jerônimo fica um período em Antioquia. Depois, vivendo como eremita, aprendeu o hebraico com um monge de origem judaica. A convite do papa Dâmaso, em 382, Jerônimo participou de um Sínodo romano, tornando-se amigo e secretário do papa, permanecendo em Roma até 385. Jerônimo foi encarregado de revisar textos latinos da Bíblia e essa atividade tornou-se a sua ocupação central nos anos seguintes. Em 386, foi para Belém, onde permaneceu até sua morte (CARPINETTI, 2003).

Como observado, Jerônimo, a pedido do papa Dâmaso, ficou encarregado da tarefa de estabelecer um texto o mais fiel possível da Bíblia, considerando as variantes das suas diversas traduções latinas, que alteravam o texto. Não seria para fazer uma tradução totalmente nova, mas rever e cotejar com a versão em grego já em uso em Roma — iniciando pelo Novo Testamento. Depois de sua chegada a Belém começou a fazer a revisão dos textos do Antigo Testamento.

Nos princípios da era cristã, novamente a Bíblia, acrescida do Novo Testamento, em grego, transformou-se em fonte de inúmeras traduções, mais ou menos bem sucedidas. Tomando o livro sagrado como de inspiração divina, os fiéis o elevavam a parâmetro da crença e da conduta de vida. Tornava-se, pois, necessário conhecer-lhe o teor e, para tanto, tê-lo à disposição em língua vulgar. Traduziu-se, então, o texto canônico para o sírio, o copta, o etíope, o árabe, o armênio, o gótico e, acima de tudo, para o latim. Nesta língua, a quantidade de versões, e as divergências entre elas, levaram o papa Dâmaso a solicitar

de São Jerônimo uma nova tradução. Lançando-se ao empreendimento, o brilhante poliglota procurou, como ele mesmo narra, a assessoria de rabinos e munuiu-se de inúmeros códices, podendo assim, por vezes, optar pela revisão de tradições antigas, por vezes, partir para uma nova, num trabalho de fôlego e de inquestionável competência técnica, do qual resultou o que hoje conhecemos como a *Bíblia Vulgata*. (BONI, 1995, p. 66-67).

Jerônimo também redigiu trabalhos exegéticos, homilias, escritos dogmáticos polêmicos, obras históricas e trocou correspondências com diversas autoridades. As Cartas, em geral, eram de caráter pessoal e familiar; outras tratavam de questões ascéticas, polêmicas, apologéticas, exegéticas e didática (CARPINETTI, 2003).

Santos e Oliveira (2015) apontam que Jerônimo tratou de inúmeros assuntos, incluindo “[...] relações com a prática da vida diária, os hábitos, de comer, vestir, beber, de trabalhar, sobre as boas e más companhias [...].” (SANTOS; OLIVEIRA, 2015, p. 3). Também enviou cartas para as mulheres, tratando de seus comportamentos, percebendo que o exemplo dos adultos era seguido pelas crianças.

O Estridonense escreveu numerosas cartas:

Sem falar nas muitas que se perderam, suas obras incluíam cento e cinquenta e quatro cartas. Destacam-se pela ascese e exortação à vida perfeita. A maioria foi dirigida a determinadas pessoas, mas por seu conteúdo transcendente, podem ser consideradas como tratados universais. (OLIVEIRA, 2013, p. 16).

Os mais importantes autores cristãos latinos do período estabeleceram, em um primeiro momento, uma relação (conturbada) por meio de cartas. Jerônimo e Agostinho, por seu turno, trocaram correspondência sem nunca se conhecerem pessoalmente.

Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, em 354, filho de Patrício (pagão) e de Mônica (cristã), teve um irmão, Navígio, e uma irmã, Perpétua. Passou sua infância em Tagaste, onde recebeu seus primeiros estudos de gramática, aritmética, latim e um pouco de grego. Em 365, início de sua adolescência, seguindo o curso tradicional da educação liberal, estudou em Madaura. Aos dezesseis anos, Agostinho vai para Cartago (a maior cidade do Ocidente latino depois de Roma, sendo um grande centro do paganismo) para se dedicar aos

estudos liberais. Desse período até os trinta anos manteve um romance com uma concubina, com a qual, em 372, teve um filho chamado Adeodato (COSTA, 2014).

Era o primeiro nas aulas de retórica, o que lhe deixava ainda mais ‘ vaidoso’ e ‘orgulhoso’. É com mais ou menos dezenove anos que Agostinho tem contato com a obra de Cícero, intitulada *Hortênsio*, cuja leitura o desperta para a vida filosófica. A partir daí Agostinho é conduzido por um amor à sabedoria: “Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos. [...] Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria.” (AGOSTINHO, 1997, p. 70).

Agostinho não encontra na obra de Cícero o nome de Cristo. Passa, então, a procurá-lo nas Sagradas Escrituras. Diante do orgulho e da vaidade, Agostinho não se satisfaz com a leitura das Sagradas Escrituras e se deixa seduzir pelas palavras trazidas pelos maniqueus. “[...] E aí o temos pegado a uma doutrina obscura e a uma prática grosseira, tão distantes da sua límpida constituição espiritual.” (AGOSTINHO, 1996, p. 21). No ano de 373, Agostinho adere à seita dos maniqueus, na busca de encontrar a verdade que esta doutrina pregava “[...] E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades, não só a teu respeito, que és realmente a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura sua.” (AGOSTINHO, 1997, p. 72).

Com aproximadamente trinta anos, Agostinho tem a oportunidade de ir para Milão ocupar o cargo de orador e professor da corte imperial. Em Milão concentravam-se poetas, escritores, oradores e filósofos, onde a filosofia grega ganhava adeptos. O cristianismo era importante na cidade e o bispo Ambrósio a representava. Por um tempo Agostinho acompanhou as homilias do bispo com seu povo, a fim de verificar se realmente a fama que lhe era atribuída tinha fundamento. Os sermões do bispo eram eruditos e elaborados segundo a tradição neoplatônica.

Ambrósio (340-397 d. C.) e Simpliciano (?-400 d. C.) — bispos pertencentes aos círculos intelectuais de Milão — tiveram influência na conversão de Agostinho ao cristianismo. A partir daí, Agostinho percebe que seria necessário deixar tudo e mudar de vida. Muda-se, então, para Cassiciaco (vila

perto de Milão) — em uma propriedade cedida — acompanhado de alguns familiares e amigos, onde cada um passou a desempenhar uma função conforme suas habilidades. Nesta nova fase, Agostinho e seu filho Adeodato foram batizados e o primeiro confessou seus pecados. Nessa comunidade, é preciso destacar, todos os seus diálogos eram registrados; mais tarde, esses registros se tornaram livros, sermões e cartas.

Com a ideia de fundar uma comunidade religiosa na África, Agostinho e os seus iniciaram uma viagem de regresso para esse local. Após alguns meses, Agostinho chega à sua terra natal. Aí se desfez de seus bens materiais em benefício dos pobres e constituiu uma comunidade monástica em Tagaste, passando a viver com seu filho, irmão e amigos seguindo o preceito evangélico da pobreza, estabelecendo uma espécie de mosteiro. Desta vida comunitária nasceriam suas Regras que, posteriormente, seriam seguidas pelos mosteiros agostinianos (COSTA, 2014).

Agostinho era um bispo popular e um intelectual preocupado com as questões doutrinárias de seu tempo. Várias cartas e sermões foram escritos por Agostinho “[...] aos seus diocesanos e amigos de outras regiões. Além disso, participava ativamente da vida político-social de sua época, interferindo, reivindicando e intercedendo junto às autoridades por seu rebanho.” (COSTA, 2014, p. 17).

Passado algum tempo e a partir de uma necessidade — esclarecer alguns pontos da fé a um agente do Imperador —, Agostinho deixa seu retiro em Tagaste e vai para Hipona, onde torna-se bispo com a aclamação e desejo do povo.

2 Abordagens das correspondências entre Jerônimo e Agostinho

Ao considerarmos o percurso de vida tanto de Jerônimo, quanto de Agostinho podemos reconhecer que tratamos de dois teólogos com significativa representatividade social. São homens do seu tempo, preocupados com problemas de sua época e que influenciaram homens e instituições ao longo dos séculos. Quando Agostinho se torna presbítero de Hipona, Jerônimo já havia percorrido uma caminhada como estudioso das Escrituras, fato que o tornou

admirado por muitos cristãos, inclusive por Agostinho, que quis se aproximar — mesmo que por cartas — do monge de Belém.

Jerônimo, um homem com sede de conhecimento, facilidade em aprender e acumular informações, desde sua adolescência se interessou pelas leituras de filósofos antigos. Além de escritor e tradutor, Jerônimo se destaca por defender questões morais, como o caso da virgindade das mulheres. Agostinho buscou tratar de problemas filosóficos fundamentais ligados intimamente ao homem, como o alcance da felicidade, da verdade, da sabedoria, como ser um bom homem, se é permitido mentir ‘às vezes’. Nas cartas que trocaram, emitiram suas impressões e orientações sobre as questões tratadas.

De acordo com Oliveira (2013), as cartas constituem a parte mais pessoal e mais reveladora da obra literária de Jerônimo.

Ele é zeloso com suas amizades. Como não pode estar com os amigos, utiliza as epístolas para se comunicar com os que estão além-mar. O contato íntimo com eles era feito até mesmo através das explicações doutrinárias e das cartas-tratados, que para ele têm o sabor de um bom vinho e de um banquete. Esta atividade é uma espécie de apostolado em que Jerônimo consagra todas as forças. (OLIVEIRA, 2013, p. 6).

Ambos tiveram uma produção literária considerável. Nas primeiras cartas trocadas entre Jerônimo e Agostinho o tom não era tão amigável como se esperava de uma correspondência de gênero epistolar. Em geral, as cartas trocadas entre ambos são cartas de amizade, porém, o seu conteúdo apresenta uma natureza de discurso punitiva, de repreensão ou mesmo de pedidos de desculpas.

Enquanto Agostinho se preocupava com a contemplação da vida humana e a busca da verdade pela razão, Jerônimo simpatizava com as questões de filologia, literatura e pesquisa. Demonstrava gosto pela erudição, pelos efeitos retóricos, pelo esplendor da linguagem (GUARNIERI, 2016).

Preocupado com o tema da mentira, Agostinho passa a discuti-la entre teólogos e filósofos, porque o tema envolve sua legitimidade no campo moral e político e este estava inserido nestes espaços (BLANS, 2012). A mentira necessária não era admitida por Agostinho. Em geral, era cometida para proveito

próprio, inclusive, para ganhar almas. Não admitia isso, a partir de seus princípios que eram baseados na verdade, identificados como o próprio Deus.

Podemos afirmar que a busca pela verdade sempre foi uma aspiração de Agostinho desde sua adolescência - esse desejo ficou demonstrado em suas obras. Entre seus livros, destaca-se um tratado dedicado à mentira, o *De mendacio* (393/394). Assim, a questão que trata com Jerônimo na Ep. 28 (394) já era objeto de reflexão do presbítero há algum tempo. No momento em que Agostinho faz as argumentações sobre a devida tradução da carta de Paulo aos Gálatas, era então um jovem presbítero subordinado ao bispo Valério (século IV-?), em Hipona, cujo espírito é “[...] movido pela mesma razão que ocupa o restante de sua obra: a busca da *veritas*, a qual se traduzirá agora na procura da interpretação correta das Sagradas Escrituras.” (GUARNIERI, 2016, p. 124).

Além da busca da verdade, o filósofo cristão teve por objetivo — após sua conversão:

[...] cristianizar o mundo, [...] sua autoridade argumentativa sustenta-se sobretudo em sua função episcopal, fundamentalmente política. [...] preocupando-se sempre com maneiras práticas de como ensinar (*docere*) seus fiéis e instruí-los na retidão da fé (*recta fides*). (GUARNIERI, 2016, p. 111).

Na obra *Sobre a Mentira*, Agostinho (2018) observa que a mentira não era autorizada, seja pela vida comum, seja pelos exemplos das Escrituras, e que ela era uma iniquidade que levava a alma à morte e não deveria ser admitida nem mesmo em prol da salvação temporal de alguém. Portanto, não haveria justificativas para a mentira e mesmo para a ‘boa mentira’.

A primeira carta (Ep. 28) que Agostinho enviou a Jerônimo foi escrita no ano de 394 ou 395. Nela solicitou ao Estridonense que fosse revista a tradução do Livro de Gal 2:11-14, pois, esta demonstrava uma ‘mentira’. Jerônimo que interpretou a passagem como uma simulação útil, deixa em dúvida a veracidade contida nas Sagradas Escrituras. Aqui o hiponense apresenta sua divergência sobre a interpretação acerca da passagem bíblica.

[...] Li também alguns escritos que dizem ser seus sobre as cartas de São Paulo. Ao expor a carta aos Gálatas, você toca naquela passagem em que São Pedro é dissuadido da sua dissimulação perniciosa. E lamento,

irmão, que você tenha assumido a proteção das mentiras, se foi você e não outra pessoa quem escreveu esse escrito. Devo me arrepender até que as razões que me determinam sejam refutadas, se é que podem ser refutadas. Acredito que seja prejudicial acreditar que os Livros Sagrados contenham quaisquer mentiras, isto é, que aqueles autores através dos quais as Escrituras nos foram dadas contaram alguma mentira em seus livros. Uma coisa é perguntar-se se um homem bom pode mentir em algumas circunstâncias, e outra coisa é perguntar-se se um escritor das Sagradas Escrituras poderia mentir. Melhor dizendo, não é outra questão, mas sim não há questão. Porque, uma vez admitida uma mentira devido às exigências do ofício apostólico em tão alto cume de autoridade, nenhuma partícula dos Livros será defendida. Pela mesma regra deletéria, sempre se poderá recorrer à intenção e à obrigação do ministério do autor mentiroso, conforme o capricho de cada um, quando uma passagem for difícil para os costumes ou incrível para a fé. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 28, tradução nossa).³

Nesta passagem Agostinho afirma que Jerônimo advogou em favor da mentira e que acreditava que era perigoso haver qualquer tipo de falsidade nos livros santos. Argumentou: uma coisa é perguntar se é possível um homem bom mentir, outra distinta é perguntar se pode um escritor das Sagradas Escrituras mentir. Uma vez admitida a mentira, todas as demais partes dos livros poderão ser medidas segundo esta mesma regra perigosíssima que é a mentira.

Para Agostinho toda interpretação que indica uma simulação deve ser descartada e que defender uma ‘mentira’ nas Escrituras colocaria à deriva não só a autoridade e a instrução dos apóstolos, mas também todo o fundamento moral e doutrinário da Igreja. O presbítero hiponense acreditava que, sendo um cristão, ele tinha o dever de repreender o desvio de seus pares. Agostinho tem a preocupação de primar pelo bem estar da Igreja como instituição unida. Nesse sentido, precisa neutralizar a influência dos maniqueus, que afirmavam que o Velho Testamento era permeado por mentiras (GUARNIERI, 2016).

O assunto acerca da Ep. 28 (394) que Agostinho enviou a Jerônimo persistiu em outras cartas (Ep. 40) também endereçadas ao Estridonense, uma

³ “[...] He leído asimismo ciertos escritos que se dicen tuyos sobre las cartas de San Pablo. Al exponer la carta a los Gálatas, llegas a tocar aquel pasaje en que San Pedro es disuadido de su pernicioso disimulo. Y lamento, hermano, no poco, que te hayas arrogado la protección de la mentira, si eres tú y no otro quien redactó ese escrito. Lo he de lamentar hasta que sean rebatidas, si es que pueden serlo, las razones que a mí me determinan. Opino que es deletéreo creer que en los Libros santos se contiene mentira alguna, es decir, que aquellos autores por cuyo medio nos fue otorgada la Escritura hayan dicho alguna mentira en sus libros. Una cosa es preguntarse si un hombre bueno puede en algunas circunstancias mentir, y otra cosa muy distinta es preguntarse si pudo mentir un escritor de la Sagrada Escritura. Mejor dicho, no es otra cuestión, sino que no hay cuestión. Porque, una vez admitida una mentira por exigencias del oficio apostólico en tan alta cumbre de autoridad, no quedará defendida partícula alguna de los Libros. Por la misma regla deletérea podrá siempre recurrirse a la intención y obligación del ministerio del autor mentiroso, según a cada cual se le antoje, cuando un pasaje resulte arduo para las costumbres o increíble para la fe”.

insistência que perdurou por uma década até que Agostinho obtivesse alguma resposta sobre o assunto.

[...] Também na exposição da carta do apóstolo Paulo aos Gálatas encontrei algo que me surpreendeu muito. Se as mentiras exigidas pelo ofício forem admitidas nas Sagradas Escrituras, que autoridade terá a partir de agora? Como pode o testemunho dessa Escritura ser aduzido, de modo que pelo seu peso a malícia de toda oposição seja esmagada? Você pode argumentar, mas se o seu rival entender o contrário, ele dirá que o autor daquele depoimento mentiu por obrigação honesta de seu trabalho. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 40, tradução nossa).⁴

Na Ep. 40 (397), Agostinho novamente trata do que já continha na carta Ep. 28 (394), ou seja, a questão do Apóstolo Paulo aos Gálatas, indagando sobre a autoridade das Sagradas Escrituras, uma vez admitida as mentiras. O autor explicita sua preocupação com a tradução que indica haver mentiras. Jerônimo, porém, interpreta o conteúdo da carta de Agostinho como uma repreensão disfarçada de conselho amigável e na Ep. 72 o Estridonense a vê como um:

[...] punhal untado com mel, como diz o provérbio comum sobre certas coisas. Além disso, recusei-me a escrever para não parecer responder profanamente a um bispo da minha comunhão e para repreender alguns pontos de crítica da sua carta; especialmente porque julguei que continha pontos heréticos. (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 72, tradução nossa).⁵

Nessa espada envolta de mel, Jerônimo acreditava que Agostinho “[...] criticava sua interpretação a fim de pôr em dúvida sua própria *auctoritas* como intérprete e tradutor.” (GUARNIERI, 2016, p. 138).

Jerônimo, com idade mais avançada que Agostinho não queria travar uma disputa com alguém que comungava das mesmas ideias cristãs. Não quis responder de maneira grosseira a um bispo da sua comunhão — é assim que Jerônimo se refere àquele que já tinha admiração sem mesmo conhecer pessoalmente — já que partilhavam de ideias comuns em relação à doutrina cristã. A ausência de assinatura nas correspondências enviadas por Agostinho também foi criticada por Jerônimo, uma vez que assinadas teria certeza que os

⁴ “[...] También en la exposición de la carta del apóstol Pablo a los Gálatas hallé algo que me causó harta extrañeza. Si en la Escritura santa se admiten mentiras obligadas del oficio, ¿qué autoridad tendrá en adelante? ¿Cómo podrá aducirse el testimonio de esa Escritura, de modo que con su peso quede aplastada la malicia de toda oposición? Tú podrás aducirlo, pero, si tu rival entiende otra cosa, dirá que el autor de ese testimonio dijo una mentira por obligación honesta de su oficio”.

⁵ “[...] puñal engrasado de miel, como el proverbio vulgar dice de ciertas cosas. Además, rehusaba escribir por no parecer que respondía con procacidad a un obispo de mi comunión y que reprendía ciertos puntos de la crítica de tu carta; máxime que yo juzgaba que contenía puntos heréticos”.

escritos eram seus. Jerônimo chega a aconselhar Agostinho nesta carta para o fato de que se quisesse continuar a exercitar a sua doutrina que procurasse jovens estudantes e nobres e que o deixasse neste momento, pois seu tempo de batalhas já havia passado: “[...] Já fui soldado e hoje sou veterano. Minha missão é saudar as suas vitórias e as dos outros, não voltar a lutar com o corpo exausto.” (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 72, tradução nossa).⁶

Jerônimo adverte Agostinho ao final desta carta, para tomar o cuidado de que seus escritos cheguem primeiro a ele. Muitas cartas trocadas no primeiro período foram marcadas por desencontros e este fato deixou a relação entre os dois teólogos mais abalada. Em 397, Jerônimo envia uma correspondência muito breve para Agostinho e no seu conteúdo não faz menção às críticas recebidas pelo Tagastense.

No ano de 402, Agostinho envia nova carta (Ep. 67) para Jerônimo, primeiro tratando da ausência de resposta de Jerônimo às suas cartas e depois se desculpando de um livro que estaria circulando, cujo conteúdo tratava contra Jerônimo.

Ouvi dizer que minhas cartas chegaram às suas mãos, mas não culpo a sua instituição de caridade por ainda não ter recebido a sua resposta. Sem dúvida houve algum impedimento. De onde sei que devo antes orar ao Senhor para que conceda à sua vontade um meio fácil de enviar a resposta. Ele já te deu a facilidade de responder. Se quiser, você pode facilmente. Hesitei se deveria acreditar em alguma coisa sobre a qual fui informado. Mas eu não deveria ter hesitado em aproveitar para escrever para você. É o seguinte em poucas palavras. Disseram-me que não sei quais irmãos sugeriram à sua caridade que escrevi um livro contra você e o enviei a Roma. Saiba que isso é falso. Coloquei nosso Deus como testemunha de que não fiz isso. Se em algum dos meus escritos você encontrar algo em que minha opinião seja diferente da sua, deve compreender que não escrevo contra você, mas escrevo o que me parece. Se você não consegue reconhecer, acredite. E, na verdade, digo isso porque estou totalmente disposto a receber fraternalmente sua opinião contrária, se houver algo que o surpreenda em meus escritos. E ficarei até feliz que você me corrija e com sua própria benevolência ao fazê-lo. Mais ainda, eu te peço e anseio por isso. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 67, tradução nossa).⁷

⁶ “Antaño fui soldado y hoy soy un veterano. Mi misión es saludar las victorias tuyas y las de los otros, no pelear de nuevo con un organismo agotado”.

⁷ “Oí que habían llegado a tus manos mis cartas, mas no inculpo a tu caridad de no haber recibido todavía tu contestación. Sin duda hubo algún impedimento. Por donde conozco que tengo que rogar más bien al Señor para que otorgue a tu voluntad un medio fácil de enviar la respuesta. Facilidad de responder ya te la dio. Si quieres, puedes fácilmente. Vacilé si debía creer algo de que me han informado. Pero no debí vacilar en tomar pie de ello para escribirte. Es lo siguiente en pocas palabras. Me han dicho que no sé qué hermanos han sugerido a tu caridad que yo he escrito un libro contra ti y

No mesmo ano que Agostinho enviou esta carta (Ep. 67) para Jerônimo, o Tagastense recebeu as respostas que tanto esperava. Jerônimo, envolvido com outras questões, quase esqueceu das cartas de Agostinho e apesar de haver envio de palavras amigáveis na correspondência, Jerônimo não disfarça seu descontentamento: “[...] Portanto, se a carta é sua, diga-a com franqueza ou envie cópias mais autênticas, para que possamos entrar na discussão das Escrituras sem azia; assim corrigirei meu erro ou mostrarei que o crítico me repreendeu em vão [...].” (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 68, tradução nossa).⁸

Em dúvida se as cartas enviadas eram realmente de Agostinho Jerônimo pede cópias mais autênticas e observa que se for necessário faria a correção das traduções ou não.

[...] Basta eu aprovar o que é meu sem criticar o que os outros fazem. De resto, a vossa prudência sabe perfeitamente que cada um tem os seus gostos e que é típico da jactância infantil, coisa que faziam os adolescentes, procurar fama para o seu nome acusando homens ilustres. Não sou tão tolo a ponto de me julgar ofendido porque vocês divergem de mim em suas opiniões; nem você ficará ofendido se o meu for diferente do seu [...]. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 68, tradução nossa).⁹

O descontentamento de Jerônimo com o conteúdo das correspondências está presente em alguns trechos de sua resposta. Indica que a postura de Agostinho é infantil ao querer fazer fama às custas da ofensa dos outros e que não é aconselhável provocar um veterano no campo de batalha das Escrituras: “[...] Olha o quanto eu te amo, porque mesmo depois de você ter me provocado, não quis te responder, e até me recuso a acreditar que é seu aquilo que eu já teria repreendido em outro [...].” (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 68, tradução nossa).¹⁰

que lo he enviado a Roma. Sábetete que eso es falso. Pongo por testigo a nuestro Dios de que no lo he hecho. Si en algunos de mis escritos se encuentra algo en que mi opinión sea distinta de la tuya, deberás comprender que no escribo contra ti, sino que escribo lo que me parece a mí. Si no puedes reconocerlo, créelo. Y, en verdad, digo esto porque estoy totalmente dispuesto a recibir fraternalmente tu opinión contraria, si hay algo que te extrañe en mis escritos. Y hasta me alegraré de que me corrijas y de tu misma benevolencia al hacerlo. Aún más, te lo pido y lo anhele”.

⁸ “[...] Por lo tanto, si la carta es tuya, dilo francamente o envía copias más autênticas, para que podamos entrar en la discusión de las Escrituras sin acidez de estómago; así corregiré mi error o demostraré que el crítico me ha repreendido en vano [...]”.

⁹ “[...] Tengo bastante con aprobar lo mío sin criticar lo ajeno. Por lo demás, sabe perfectamente tu prudencia que cada cual tiene sus gustos y que es propio de la jactancia pueril, cosa que solían hacer los adolescentes, el buscar fama para su nombre acusando a los varones ilustres. No soy tan necio que vaya a juzgarme ofendido porque discrepes de mí en tus opiniones; tampoco tú te ofenderás si las mías difieren de las tuyas [...]”.

¹⁰ “[...] Mira cuánto te amo, pues ni aun después de haberme provocado he querido responderte, y hasta me resisto a creer que sea tuyo lo que en otro quizá ya habría repreendido. El hermano Común te saluda suplicante”.

Jerônimo termina a carta dizendo que, mesmo provocado, não quis responder a Agostinho. Nesta carta, Jerônimo não trata e não contesta a questão da interpretação de Gal 2:11-14, pois afirma não ter certeza se a carta tinha sido escrita por Agostinho realmente. Neste caso retomamos a questão da falta de assinatura da carta de Agostinho, o que levou Jerônimo a duvidar se o escrito era dele.

No ano de 403, Agostinho envia novamente uma correspondência para Jerônimo ao qual solicita respostas às mensagens anteriores – esta carta indica que ele ainda não havia recebido a correspondência que Jerônimo lhe havia endereçado. Nesta carta o Tagastense trata de duas questões centrais. Uma questão é o fato de não ter recebido respostas de duas cartas enviada por ele à Jerônimo e que naquele momento as envia novamente, pois acreditava que não tinham chegado até Jerônimo.

Já lhe enviei duas cartas e não recebi nenhuma de você. Decidi, portanto, enviá-los novamente, acreditando que não chegaram. Se eles chegaram, e são antes seus que não conseguiram chegar até mim, envie-me novamente os escritos que você me enviou, se por acaso os conservou. Caso contrário, ele ditará algo novamente para eu ler. Mas não demore em me responder, pois estou esperando há muito tempo. A primeira carta que lhe escrevi, quando ainda era sacerdote, foi-lhe enviada por um certo irmão nosso chamado Profuturo, que mais tarde se tornou meu colega e já deixou a vida presente. Ele não pôde carregá-la porque, enquanto se preparava para partir, foi detido pelo fardo do episcopado e morreu pouco depois. É por isso que queria enviá-lo para você novamente. Veja quantos anos tem a minha vontade de falar com você e o quanto me incomoda que os sentidos estejam tão distantes do seu corpo; por meio deles pude penetrar em seu espírito, meu dulcíssimo e honrado irmão entre os membros do Senhor. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 71, tradução nossa).¹¹

A outra questão tratada na carta (Ep. 71/403), Agostinho já não retoma o assunto da tradução do Gal 2:11-14, mas das traduções do livro de Jonas a partir do grego e do hebraico. Jerônimo já havia traduzido este livro da língua grega para a latina. Nesta segunda tradução do mesmo livro, a partir do hebraico, Agostinho a classifica como algo desleixado: “[...] por outro lado, na segunda

¹¹ “Te he enviado ya dos cartas y no he recibido ninguna tuya. He decidido, pues, enviártelas de nuevo, en la creencia de que no te han llegado. Si llegaron, y son más bien las tuyas las que no han podido llegar a mí, remíteme de nuevo los escritos que me hubieras enviado, si por ventura los has conservado. En otro caso, dicta de nuevo algo para que yo lo lea. Pero no por eso te retardes en contestarme, pues ha ya largo tiempo que espero. La primera carta que te escribí, siendo todavía presbítero, te la envié por cierto hermano nuestro llamado Profuturo, quien más tarde fue colega mío y ha dejado ya la presente vida. No pudo él llevarla, pues, mientras se disponía a partir, fue retenido por la carga del episcopado, y murió poco tiempo después. Por eso he querido enviártela de nuevo. Ve si es viejo mi afán de conversar contigo y cuánto me pesa que estén tan lejos los sentidos de tu cuerpo; por ellos podría yo penetrar en tu espíritu, hermano mío dulcísimo y honorable entre los miembros del Señor”.

tradução, direto do hebraico, você foi mais negligente em garantir que tais sinais aparecessem em seus lugares correspondentes.” (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 71, tradução nossa).¹²

Agostinho procurava consolidar a fé cristã e as traduções de Jerônimo pareciam colocar em risco este projeto cristão do presbítero hiponense. Na mesma carta, Agostinho observa que certa tradução do livro de Jonas havia provocado um tumulto em uma assembleia, pois não ia ao encontro do que se estava gravado nos sentidos e na memória de todos que se havia repetido por sucessivas gerações.

Um certo bispo, nosso irmão, providenciou para que sua tradução fosse lida na igreja que ele governa. O povo ficou surpreso por você ter traduzido uma passagem do profeta Jonas de uma forma muito diferente daquela que ficou registrada nos sentidos e na memória de todos, e que foi contada por tão longa sucessão de gerações. Houve tumulto popular, especialmente quando os gregos protestaram e recriminaram a passagem como falsa. O bispo de Oea, cidade em questão, foi obrigado a recorrer ao testemunho dos judeus para se defender. Não sei se por ignorância ou por maldade, responderam, contra ti, que os códices hebraicos diziam a mesma coisa que os gregos e latinos. O que mais era necessário? O bispo foi obrigado a corrigir a sua alegada falsidade, se não quisesse ficar sem o povo, depois do grande conflito. Parece-me que às vezes você também pode cometer erros. E você vê as consequências que decorrem de confiar em códices que não podem ser alterados pela comparação de testemunhos em línguas conhecidas. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 71, tradução nossa).¹³

Nesta passagem Agostinho novamente faz menção à questão da mentira e diz que Jerônimo pode ter se equivocado em algumas passagens.

No ano de 403/404, Jerônimo responde às cartas de Agostinho demonstrando um tom de irritação para com o bispo de Hipona, primeiro pelos desencontros das cartas e, segundo, por Agostinho insistir em pedir desculpas de uma carta que não havia escrito, mas que estaria circulando pela Itália. Esta,

¹² “[...] en cambio, en la segunda traducción, directa del hebreo, has sido más negligente en procurar que tales signos aparezcan en sus correspondientes lugares”.

¹³ “Cierta obispo, hermano nuestro, dispuso que se leyese tu traducción en la iglesia que él gobierna. Extrañó al pueblo que tradujeras un pasaje del profeta Jonás de modo muy distinto del que estaba grabado en los sentidos y memoria de todos, y que se había cantado durante tan larga sucesión de generaciones. Hubo tumulto popular, máxime cuando los griegos protestaron y recriminaron el pasaje como falso. El o bispo de Oea, que era la ciudad aludida, se vio obligado a acudir al testimonio de los judíos para defenderse. No sé si por ignorancia o malicia, contestaron ellos, en contra tuya, que los códices hebreos decían lo mismo que los griegos y latinos. ¿Qué más se necesitaba? El obispo fue obligado a corregir su presunta falsedad, si no quería quedarse sin el pueblo, después del gran conflicto. Me parece a mí que tú asimismo puedes algunas veces equivocarte. Y ya ves las consecuencias que se siguen por apoyarnos en códices que no pueden ser enmendados por cotejo de testimonios en lenguas conocidas”.

porém, não havia chegado até o conhecimento de Jerônimo.

Sendo assim, nunca me surpreenderei o suficiente que haja muitos em Roma e na Itália que tenham a carta que você me escreveu, como dizem, e só que ela não chegou a mim, para quem foi escrita apenas; especialmente tendo em conta que o próprio Irmão Sisínio afirma tê-lo encontrado entre os seus outros ensaios, mas não na África ou no seu país, mas na ilha de Adria há cinco anos. [...] Você jura que não escreveu um livro contra mim nem pôde enviar a Roma um livro que não escreveu, mas que, se por acaso for encontrado algo em seus escritos em desacordo com minha opinião, eu não deveria pensar que você me ofende, mas você diz o que parece certo para você. Peça-lhe que me escute com paciência. Você não escreveu o livro, pois como me foi entregue um escrito e uma repreensão sua por mão alheia? Como é que o que você não escreveu é lido na Itália? Por que você me pede para responder ao que você nega ter escrito? (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 72, tradução nossa).¹⁴

Jerônimo, então, repreende as atitudes de Agostinho, onde mais uma vez atribui suas ações provindas de um adolescente. Recomenda que não convém parecer que estão brigando feito duas crianças, pois isto poderia levá-los ao demérito. Jerônimo usa sua autoridade para com Agostinho ao afirmar que: “[...] Mais uma vez te digo o que sinto: você desafia um mais velho, você provoca aquele que permanece calado, parece que você se vangloria do seu conhecimento. Mas não é típico da minha idade ser malicioso com aquele a quem eu deveria favorecer [...]” (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 72, tradução nossa).¹⁵

Como Agostinho demonstra estar em busca de esclarecimento sobre as traduções dos textos bíblicos sem que estes deem margem a qualquer problema de interpretação, Jerônimo recebe os questionamentos de Agostinho como provocações, colocando em dúvida a legitimidade dos seus trabalhos.

Na Ep. 73 Agostinho não abre mão do seu posicionamento inicial sobre os escritos e que diz estar correto, mas para preservar a ‘amizade’ chega a pedir perdão a Jerônimo caso o tenha ofendido com suas colocações.

¹⁴ “Siendo esto así, nunca me maravillaré bastantemente de que sean muchos los que en Roma y en Italia tienen la carta que me escribiste, según se dice, y sólo no haya llegado a mí, para quien únicamente fue escrita; máxime teniendo en cuenta que el mismo hermano Sisínio asegura que la encontró entre los demás ensayos tuyos, pero no en África ni en tu país, sino en la isla de Adria hace ya cinco años. [...] Juras que no has escrito un libro contra mí ni has podido enviar a Roma un libro que no escribiste, pero que, si por ventura se encuentra algo en tus escritos en discrepancia con mi opinión, no debo pensar que me ofendes, sino que dices lo que te parece recto. Te ruego que me escuches con paciencia. No escribiste el libro; pues ¿cómo me han sido entregados por mano ajena un escrito y una reprensión tuya para mí? ¿Cómo se lee en Italia lo que tú no escribiste? ¿Por qué me pides que conteste a lo que niegas haber escrito?”.

¹⁵ “De nuevo te digo lo que siento: desafias a un anciano, provocas al que calla, parece que te jactas de tu saber. Pero no es propio de mis años mostrarme malévolo hacia aquel a quien más bien debo favorecer [...]”.

[...] Mas, se não posso dizer o que, em minha opinião, deveria ser riscado em seus escritos, ou se você não pode julgar os meus, sem levantar imediatamente a suspeita de inveja ou sem prejudicar a amizade, abandonemos isso para o benefício de nossa vida e salvação. É preferível arriscar a ciência, que inflaciona, do que arriscar a caridade, que edifica. Considero-me muito distante daquela perfeição de que está escrito: Se alguém não ofende com palavras, é um homem perfeito. Mas creio que, com a misericórdia de Deus, estou pronto a pedir-lhe perdão se o ofendi em alguma coisa; você vai me contar, para que, ouvindo você, eu conquiste seu irmão. Você não consegue me corrigir sozinho, por causa da distância que nos separa, mas isso não significa que você deva me deixar errar. No que diz respeito aos próprios pontos que queremos esclarecer, procurarei manter o ponto de vista que sei ser verdadeiro, ou que me parece verdadeiro, ou que suspeito, mesmo que você pense o contrário, mas sem insultá-lo com a ajuda de Deus. No que diz respeito à sua ofensa, nada farei senão pedir-lhe perdão quando reconhecer que você está ferido. (SAN AGUSTÍN/AGOSTINHO, Ep. 73, tradução nossa).¹⁶

A prolongada correspondência de Agostinho com Jerônimo é

[...] um documento único na igreja primitiva, pois mostra dois homens altamente civilizados conduzindo com estudada cortesia uma correspondência singularmente rancorosa. Eles se aproximavam um do outro com gestos elaborados de humildade cristã. (BROWN, 2020, p. 341).

Jerônimo na Ep. 75 se dirige a Agostinho e diz

[...] não duvido que você também peça que a verdade triunfe entre nós neste debate, já que você não busca a sua glória, mas a de Cristo: se você vencer, eu também vencerei superando o meu erro; e se eu ganhar, você ganha, porque os filhos não acumulam para os pais, mas os pais acumulam para os filhos [...]. (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 75, tradução nossa).¹⁷

Nesta passagem parece haver uma disputa para ver quem tem a razão, ou melhor dizendo, quem está revestido da verdade. Nesta mesma epístola, Jerônimo diz não poder se defender, pois Agostinho não menciona o que ele havia traduzido mal.

[...] Você diz, então, que traduzi mal uma frase do profeta Jonas e que um bispo quase perdeu a dignidade por causa da sedição de seu povo, já que começou a protestar pela dissonância de uma única palavra. Mas

¹⁶ “[...] Mas, si yo no puedo decir lo que, a mi juicio, se debe tachar en tus escritos, o si tú no puedes enjuiciar los míos, sin que surja al momento la sospecha de envidia o sin lesionar la amistad, abandonemos esto en provecho de nuestra vida y salvación. Arriesgar la ciencia, que infla, es preferible a arriesgar la caridad, que edifica. Yo me considero muy distante de aquella perfección de que está escrito: Si alguien no ofende de palabra, ése es perfecto varón. Pero creo que, con la misericordia de Dios, estoy pronto a pedirte perdón si en algo te ofendí; tú me lo dirás, para que al escucharte yo ganes a tu hermano. No puedes corregirme a solas, por la distancia que nos separa; pero no por eso debes dejarme errar. Por lo que toca a los puntos mismos que deseamos aclarar, yo me esforzaré en mantener el punto de vista que sé que es verdadero, o me lo parece, o lo sospecho, aunque tú opines lo contrario, pero sin injuriarte, con la ayuda de Dios. Por lo que toca a tu ofensa, nada haré sino pedirte perdón cuando reconozca que estás injuriado”.

¹⁷ “[...] No dudo de que también tú pides que la verdad triunfe entre nosotros en este debate, ya que no buscas tu gloria, sino la de Cristo: si tú vences, venceré yo también al superar mi equivocación; y si yo venzo, tú triunfas, porque no atesoran los hijos para los padres, sino los padres para los hijos [...]”.

you do not say what I translated badly, and thus, you take away the possibility of me defending. What you want you say, I cannot resolve anything with my answer. (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 75, tradução nossa).¹⁸

Os dois mantiveram-se firmes em suas opiniões, contudo, prescreviam condutas cristãs contribuindo com a formação humana dos homens de seu período.

[...] Mas vamos deixar essas lamentações agora. Que haja entre nós pura fraternidade e de agora em diante não enviemos uns aos outros cartas de discórdia, mas de caridade. Os santos irmãos que comigo servem a Deus saúdam-vos com entusiasmo. Rogo-vos que apresenteis os meus dons e saudações aos santos que carregam convosco o suave jugo de Cristo, especialmente ao santo e aceitável papa Alípio. Cristo, nosso Deus onipotente, conserva-te saudável, sem esquecer de mim, verdadeiramente santo e bendito papa. (SAN AGUSTÍN/JERÔNIMO, Ep. 81, tradução nossa).¹⁹

Na última carta dirigida a Agostinho, Jerônimo pede que haja fraternidade entre eles e que as contendas ficassem de lado. Neste conjunto de cartas trocadas há a expressão de dois teólogos em defesa de seus posicionamentos pautados por uma educação formativa cristã. Agostinho se mostra mais ‘rígido’ ao insinuar que uma tradução mais flexível poderia levar a uma compreensão mais branda do evangelho. Em relação às traduções de Jerônimo, Carpinetti (2003) considera que “[...] as traduções são fiéis e apuradas, porém não servilmente literais, sendo o critério de Jerônimo a inteligibilidade do texto e o respeito à sensibilidade estilística do leitor.” (CARPINETTI, 2003, p. 19). Esta Palavra que ele tanto estudou e interpretou também buscou viver de forma concreta.

Conclusão

Nestas reflexões buscamos estudar dois teólogos de relevância na história da Igreja. Trata-se de homens que expressaram seus ideais e os deixaram por meio de escritos. Entendemos a importância de compreender como os homens de outros tempos se preocupavam com a educação e formação humana a partir das suas concepções. Além de escritos com conteúdo cristãos, Jerônimo e

¹⁸ “[...] Dices, pues, que he traducido mal una frase del profeta Jonás y que un obispo casi ha perdido la dignidad por sedición de su pueblo, ya que éste empezó a protestar por la disonancia de una sola palabra. Pero no dices qué es eso que yo he traducido mal, y así me quitas la posibilidad de defenderme; digas lo que digas, yo no puedo resolver nada con mi respuesta”.

¹⁹ “[...] Pero dejemos ya esas lamentaciones. Haya entre nosotros pura fraternidad y en adelante no nos enviemos escritos de contienda, sino de caridad. Los santos hermanos que sirven a Dios conmigo, te saludan con entusiasmo. Te ruego que presentes mis obsequios y saludos a los santos que llevan contigo el suave yugo de Cristo, especialmente al santo y acepto papa Alipio. Cristo, nuestro Dios omnipotente, te conserve sano, sin olvidarte de mí, señor verdaderamente santo y beatísimo papa”.

Agostinho pensavam em uma proposta educativa para a vida em sociedade.

Apesar das cartas trocadas entre esses dois representantes da Igreja conterem um tom de ofensas, interpretamos que ambos estavam defendendo projetos sociais que acreditavam estar corretos. Agostinho ao escrever as cartas para Jerônimo, estava no início de uma carreira e Jerônimo estava se recolhendo ao mosteiro, porém deixando um vasto estudo que já havia se propagado. O embate entre os dois padres da Igreja ficou evidenciado neste conjunto de cartas, onde cada um procurou manter sua autoridade enquanto representante da doutrina cristã.

Jerônimo, preocupado com uma formação humana cristã, escreveu tratados sobre a educação feminina, pelo qual o bom exemplo deveria ser seguido. A responsabilidade dos pais na instrução e na educação dos filhos também foram temas abordados pelo teólogo, bem como a formação de hábitos e a educação espiritual. Era constante seu posicionamento acerca da vida monacal, assunto que também tratou em algumas cartas e estilo de vida que se propôs a viver. Seu discurso se inflamava perante a mentira, a hipocrisia e as falsas doutrinas.

Agostinho por seu turno também procurava cristianizar os seus, travou uma luta contra os hereges, principalmente com os maniqueus, os donatistas, os pelagianos e o arianismo. Combatendo as falsidades contra a fé cristã não poderia admitir que nas traduções das Sagradas Escrituras houvesse brechas para dupla interpretação, ou seja, abertura para mentiras. Agostinho suscita o problema da mentira principalmente para combater a má interpretação dada por alguns cristãos que consideravam certas mentiras como úteis e, moralmente, aceitáveis, ou seja, um mal necessário para se evitar um mal maior.

As abordagens de temas nos escritos de Jerônimo e Agostinho são amplas. Tratam de vários temas, suas contribuições filosóficas, teológicas e espirituais colaboraram com a formação humana trazendo à tona assuntos pertinentes às questões sempre presentes aos homens. Esses dois representantes da patrística deixaram um legado literário contendo diversas abordagens em seu conteúdo, fato que contribuiu para a propagação e fortalecimento da fé cristã no período em que viveram e também posteriormente. As missivas foram importantes

instrumentos de difundir a visão de mundo que defendiam. Embora o conteúdo das primeiras cartas trocadas entre os dois tenha demonstrado um teor de rancor sem terem firmado uma relação de amizade, depreende-se que estão dispostos a combater as heresias que iam surgindo contra a Igreja e em defesa da fé cristã.

Não apresentaram o mesmo ‘rigor’ acerca de determinados temas e o fato dos dois teólogos se manterem firmes nas suas argumentações demonstra que estavam convictos de suas defesas e que mesmo diante de suas aparentes ‘divergências’ havia, em sua relação, respeito e admiração, mesmo sem terem se conhecido fisicamente. Jerônimo e Agostinho contribuíram com a consolidação do cristianismo ao proporem ensinamentos pautados em uma perspectiva cristã. Dedicaram sua vida ao estudo da Palavra de Deus, passando a transmitir o cristianismo. A valorização e o ensinamento que os escritos sagrados traziam foram anunciados na sociedade em que viviam por esses dois representantes da fé cristã e, assim, apresentavam uma proposta formativa a homens e mulheres do seu tempo.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. Lisboa Volume I (Livro I a VIII). 1996. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- AGOSTINHO Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus. 1997. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. Patrística: 10.
- AGOSTINHO Santo. **Sobre a Mentira**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2018. Tradução de Alessandro Jocelito Beccari.
- BLANS, Lisiane Sabala. **A Análise da mentira em Agostinho**. Santa Maria. 2012. 154 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria.
- BONI, Luis Alberto De. A Entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval. In: **Dissertatio**. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas. 1995. Departamento de Filosofia/UFPEL.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho uma biografia**. 11º ed. 2020. Rio de Janeiro: Record.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1999. Traduzido por Álvaro Lorencini.
- CARPINETTI, Luís Carlos Lima. **O aspecto polêmico da apologia de Jerônimo contra Rufino**. São Paulo. 2003. 253 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 Lições sobre Santo Agostinho**. Petrópolis, RJ. 2014. Vozes, 4 ed.

DURKHEIM, Émile. **A Evolução Pedagógica em França**. Arquivo, 1982. Disponível em < <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC2/2-arquivo.pdf> > Acesso em: 01 de março 2021.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes. 1995. Tradução: Eduardo Brandão.

GUARNIERI, Felipe de Medeiros. **A correspondência entre São Jerônimo e Santo Agostinho**. São Paulo. 2016. 584 f. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

GUIZOT, François. **O estado da sociedade religiosa no século V**. Apontamentos 77. Universidade Estadual de Maringá. 1999. Tradução de Terezinha Oliveira e Claudinei Magno Magre Mendes.

OLIVEIRA, Ivone Brandão. **São Jerônimo: cartas**. Ângulo. 132. 2013. Jan./Mar. p. 14-19.

OLIVEIRA, T. Introdução. GUIZOT, François. **O estado da sociedade religiosa no século V**. Apontamentos 77, Universidade Estadual de Maringá. 1999. Tradução de Terezinha Oliveira e Claudinei Magno Magre Mendes.

POLÍBIO. **História Pragmática**. Livros I a V. São Paulo. 2016. Tradução, introdução e notas de Breno Battistin Sebastiani. Perspectiva: Fapesp, 1 ed.

SAN AGUSTÍN. **Cartas**. Obras completas. Versión española. Epistolares. Disponível em < <http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm> >. Acesso em 20 de maio 2021.

SANTOS. Lorena Melissa. OLIVEIRA, Terezinha. **As Cartas de São Jerônimo à Luz da Formação Social**. 2015. Anais. XIV Jornada de Estudos Antigos e Medievais – Maringá-PR. Universidade Estadual de Maringá- UEM.